

TRANSFORMAÇÕES DA CIDADE DE JOÃO PESSOA E DO BAIRRO DE JAGUARIBE (1930 A 1950)

Juliana Barros Mendonça¹

No processo de composição das cidades, o movimento de ocupação do espaço urbano caracteriza-se por se constituir como um fenômeno dinâmico. O espaço urbano não é imutável, ao contrário, ele é reorganizado, a cada momento, de acordo com diversos fatores que podem ser de natureza social, econômica, especulativa dentre outras. Nesse sentido, o bairro pode ser interpretado como uma espécie de micro espaço dentro da própria urbe, configurando-se enquanto *locus* em que as diversas experiências da vida social acontecem, tais como a moradia, o comércio, o trabalho, o lazer e outras relações das mais variadas ordens. Tais experiências, por sua vez, são capazes de suscitar a noção de pertencimento dos moradores ao bairro.

Ao se caracterizar enquanto local onde as relações sociais se concretizam, pode-se afirmar que os bairros possuem, sem dúvida, um relevante caráter histórico, alicerçado em suas origens, ocupação e formas de uso do seu espaço. Assim, as formas de ocupação do espaço de uma cidade ou de um bairro demonstram não apenas as mudanças físicas em sua paisagem, mas também as mudanças econômicas, históricas e sociais que o local sofreu e sofre no decorrer do tempo.

Nesse sentido, a memória constitui-se numa espécie de mecanismo que constrói a historicidade do lugar através da lembrança de seus moradores. A narrativa daqueles que conviveram ou convivem no bairro constitui-se numa fonte de pesquisa a partir da qual é possível deslindar aspectos relativos à história e a cultura histórica de um bairro, especialmente quando se toma por base para análise a vida cotidiana de seus moradores e as mudanças ocorridas no modo de morar, de se divertir, de vestir, de se comportar entre outros. Através da memória é possível desvendar os pormenores de um dado período histórico, possibilitando aos moradores que os mesmos se expressem na qualidade de sujeitos protagonistas da história.

¹ Mestranda em História vinculada ao Programa de Pós-graduação em História- PPGH da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, com área de concentração em Cultura Histórica, linha de pesquisa Ensino de História/Saberes Históricos.

Com a finalidade de coadunar com essa perspectiva, este trabalho tem como objetivo estudar as transformações ocorridas na cidade de João Pessoa e no bairro de Jaguaribe no decorrer das décadas de 1930 a 1950, utilizando como fonte as memórias dos moradores do bairro registradas através da produção escrita pelo memorialista Emilson Ponce Leon Ribeiro - ele próprio um ex-morador de Jaguaribe - que analisa as mudanças estruturais e sociais ocorridas neste local a partir das relações cotidianas dos moradores durante o período estudado.

O referido autor - historiador de ofício - apresenta como uma de suas principais obras o livro “Retratos de Jaguaribe: um passeio histórico de 1940 a 1970”. Trata-se de uma obra que possui como característica o fato de não se configurar como um estudo acadêmico, mas sim, memorialístico, calcado principalmente na escrita de si e contando também com a colaboração de moradores do bairro a partir de conversas com o autor. A nosso ver, o pesquisador em história, sobretudo aquele que pretende estudar temáticas relacionadas à história local - em especial aquelas que tratam a respeito da história dos bairros - não deve desmerecer este tipo de produção, visto que, através dessa maneira de se conceber a história do bairro, é possível analisar de que forma se engendram diferentes versões para a mesma.

É válido ressaltar que os registros dessa memória, juntamente com a documentação oficial e à produção bibliográfica acerca da história do bairro, se caracterizam como fontes de extrema relevância para que seja possível investigar a história de Jaguaribe com vistas a propor novas interpretações/versões a respeito da referida temática.

O bairro de Jaguaribe, durante muitos anos, caracterizou-se por suas feições rurais e por ser uma espécie de “área rural anexa” da Cidade da Parahyba, atual município de João Pessoa. Jaguaribe passou a fazer parte da porção urbanizada da capital no decorrer das primeiras décadas do século XX. Todavia, essa modificação se desencadeou gradualmente, apesar das intervenções urbanas ocorridas não apenas em numa parte específica de Jaguaribe, mas também em outros lugares da capital paraibana,

(...) entre as décadas de 1910 e 1920, se envidam sucessivos esforços em promover o apagamento de rastros da cidade colonial, em sua estrutura e configuração, e na adoção de novos parâmetros estéticos nas construções, instalação e renovação de serviços urbanos da capital (TRAJANO FILHO, 2006, p. 32).

Durante as primeiras décadas do século XX a ocupação do atual bairro de Jaguaribe passou a se configurar de maneira mais premente. O local recebeu, nesse período, uma parcela de população proveniente do interior do Estado que se estabeleceu na capital paraibana. Dentre os migrantes, destacavam-se aqueles que estavam vinculados a dois grupos sociais distintos: os abastados proprietários de terras e os migrantes pobres. O primeiro grupo era basicamente composto por membros das elites açucareira e algodoeira que, no período em análise, passaram a residir na cidade da Parahyba. Esta população de elite se estabeleceu nas áreas urbanas devido à mudança do eixo dinâmico da economia, pois, embora a produção agrícola ainda acontecesse na zona rural, a compra e venda de mercadorias ocorria na área comercial da região do Varadouro que, à época, se configurava como principal espaço onde aconteciam as transações comerciais e de exportação de produtos agrícolas.

A parcela mais abastada da população advinda do interior do Estado instalou-se mais precisamente nas imediações da Rua das Trincheiras e Avenida João Machado, ambas localizadas nas cercanias de Jaguaribe. Essas duas artérias urbanas foram ocupadas por uma população pertencente à elite e, por essa razão, tais ruas acabaram recebendo benfeitorias por parte do poder público da época:

(...) um fato emblemático que serve de baliza como marco inicial do processo de modernização da capital paraibana nas primeiras décadas do século XX é a abertura da Avenida João Machado, na região de Jaguaribe. Onde antes predominavam construções precárias em ruas aterradas e tomadas pelo mato, abriu-se um *boulevard* extenso e largo, que facilitava o acesso a essa área da cidade que iniciava um processo de ocupação pelas classes mais abastadas que fugiam dos sobrados do Centro. (TRAJANO FILHO, 2006, p. 33).

No tocante às políticas de melhorias urbanas e embelezamento público extensivas a algumas áreas da Cidade da Parahyba, foi durante o governo de Camilo de Holanda (1916 - 1920) que a capital recebeu a visita de arquitetos de renome nacional e internacional que, por sua vez, tinham como finalidade a modernização dos espaços públicos da cidade à moda europeia. De acordo com Chagas (2004), os arquitetos² que aqui estiveram aceitaram também a incumbência de reformar ou construir residências de

² Nesse grupo de arquitetos que vieram à época à capital, de acordo com informações de Chagas (2004), estavam os italianos Fiorillo, Dilascio e Goia, além dos brasileiros Otávio Freire e Clodoaldo Gouveia.

alto padrão de forma a atender aos pedidos de alguns membros da elite. Essas moradias possuíam, em sua maior parte, amplos terraços ou varandas que facilitavam a circulação do ar, características que coadunavam com as indicações de salubridade tão difundidas pelos sanitaristas do início do século XX.

Apesar das modificações urbanas se concentrarem nas áreas ocupadas pelas elites, deve-se lembrar de que não somente os membros desse estrato social compunham a população da cidade e, por conseguinte, de Jaguaribe. Nas primeiras décadas do século XX ocorreu à Cidade da Parahyba uma significativa parcela de migrantes de origem rural cujo principal objetivo era fugir, literalmente, das intempéries naturais que ocorriam em algumas cidades do interior do Estado. O acesso à moradia para a população pobre foi facilitado por instituições de caridade de caráter religioso que aforavam terras para esses migrantes. Uma das instituições que realizava o trabalho de aforar terras aos mais necessitados era Santa Casa de Misericórdia da Parahyba.

Procedentes das diversas cidades do interior da Parahyba, as famílias pobres, ao chegarem à capital, procuravam em Jaguaribe um lugar para morar. Como os proprietários dos sítios e terrenos não os habitavam, alocavam essas famílias. Essa medida reproduziu na cidade a rede de proteção às classes pobres e foi eficaz, sobretudo por que se tornou indispensável à manutenção da ordem, à medida que tirava as famílias pobres da rua e impunha-lhes o controle. (CHAGAS, 2004, s.p).

Esta população de migrantes alocados em Jaguaribe geralmente residia em pequenos casebres, muitos deles com o teto coberto por palha. Os migrantes encontravam meios de se manter precariamente na capital por que conseguiam trabalho à custa de pequenos biscates ou empregos de baixa remuneração nas áreas próximas a Jaguaribe.

Apesar de ter recebido este influxo de moradores durante as primeiras décadas do século XX, Jaguaribe ainda não apresentava infraestrutura condizente para isso. Foi a partir da efetiva modernização da cidade da Parahyba, na década de 1910, que algumas das benfeitorias direcionadas às áreas centrais chegaram ao local, porém elas se restringiram aos lugares que se encontravam geograficamente mais próximos do Centro ou que eram habitados pela população de maior poder aquisitivo. A população das extensões mais periféricas de Jaguaribe, onde se localizavam as casas simples e as

bodegas, continuou sendo negligenciada durante as décadas iniciais do século XX, ou seja, sem receber as benfeitorias que foram realizadas pelo poder público na porção do bairro em que se localizavam as residências de alto padrão. Grande parte da área em que hoje se localiza o bairro de Jaguaribe passou, portanto, a se configurar nesse período como área da cidade destinada à fixação da população pobre. “No que se refere especificamente ao bairro de Jaguaribe, foi a condição social, ou seja, o fato de ser [lugar de] pobre que possibilitou aos indivíduos a identificação com este lugar (...)” (CHAGAS, 2004, s. p).

Apesar da ausência de uma política efetiva de melhoramentos urbanos que o contemplasse como um todo, Jaguaribe acabou ganhando algumas melhorias através da criação de equipamentos relacionados à educação e à religiosidade. Um exemplo disso foi o Orfanato D. Ulrico, instituição criada em 1912 e posta em funcionamento no ano de 1922, cuja direção estava a cargo das Irmãs da Ordem de Santa Catarina de Sena. Esse local tinha como função acolher as filhas das famílias migrantes pobres recém-chegadas à capital e que não tinham condições de criá-las. Nessa instituição as garotas aprendiam uma profissão, a exemplo de costureira ou doméstica e, ao completarem idade suficiente para serem devolvidas às suas famílias - caso não quisessem optar pela vida religiosa - as meninas eram, na maior parte das vezes, encaminhadas para trabalhar nos lares das famílias da elite paraibana, as mesmas famílias cujas doações mantinham aberta a instituição e garantiam seu pleno funcionamento.

No que tange ao aspecto das residências encontradas em Jaguaribe, a arquitetura das casas existentes à época era um elemento que, sem dúvida, demonstrava o poder aquisitivo de seus moradores. Nas proximidades das Avenidas Trincheiras e João Machado eram recorrentes os palacetes dotados de terraços amplos, grandes janelas, varandas e que apresentavam áreas verdes, tais como jardins e pomares. As casas dos moradores pobres, ao contrário, eram minúsculas, contando apenas com porta e janela frontal, sendo conjugadas ou geminadas às casas vizinhas, quando não eram construídas de alvenaria ou mesmo de taipa, tendo o teto coberto por palha.

Tal diferença social suscitou uma espécie de “linha divisória” entre duas áreas do bairro às quais autores como RIBEIRO (2000) fazem referência, denominando-as “Jaguaribe de Cima” e “Jaguaribe de Baixo”. Segundo este autor, a divisão desses “dois

bairros dentro de um só” tendeu a se acentuar com o passar dos anos e pode ser percebida até os dias atuais. Todavia, é possível observar que esta divisão entre a área nobre *versus* a área pobre do bairro foi consequência da própria dinâmica de ocupação do seu espaço pois

(...) a forma de acesso à terra resultou na configuração de dois espaços distintos. Enquanto a área do bairro, localizada à direita da Rua Aderbal Piragibe ([correspondente à Rua das] Trincheiras) configurou-se [como] o espaço da elite e foi beneficiado com os serviços de melhoramentos urbanos da cidade, a área à esquerda dessa rua ficou à mercê dos serviços de melhoramentos urbanos. Essa foi ocupada pela gente pobre, pessoas comuns que chegando à capital da Paraíba em busca de meios de vida, recorreram às instituições de caridade que as alojaram nessa artéria de Jaguaribe. (CHAGAS *et al*, 2000, p.19).

Do ponto de vista dos transportes públicos, Jaguaribe passou a contar, em 1932, com o serviço de bonde cuja finalidade era a de atender ao segmento populacional do bairro que se deslocava para trabalhar no Varadouro e no Centro. De acordo com Chagas (2004), o bonde contava apenas com funcionamento e horário restritos aos dias úteis. As viagens eram realizadas no início da manhã, quando os trabalhadores se deslocavam para suas jornadas de trabalho, e ao fim da tarde, quando retornavam às suas residências.

Nas décadas de 30 e 40 Jaguaribe continuava sendo servido pelo bonde, meio de transporte que a atendia à população do bairro e diminuía assim a distância entre este e o Centro. Além da linha que trafegava diretamente pelo bairro, segundo Ribeiro (2000), existiam linhas de bondes maiores cujo trajeto e alguns pontos de parada ficavam próximos às cercanias do bairro, a exemplo dos bondes que se dirigiam de Cruz das Armas ao Centro e que serviam como mais uma opção de transporte aos moradores de Jaguaribe. De acordo com o autor, por apresentar menor capacidade para passageiros por conta de seu tamanho, o “bondinho de Jaguaribe”, como era conhecido, também fora apelidado pelos moradores do bairro com as alcunhas de “loré”, “lambreta” e “caixa de fósforos” devido ao seu tamanho.

No que diz respeito ao encanamento e saneamento do bairro é possível perceber que, ainda na década de 40, este não fora completamente saneado. Prova disso era a existência de um chafariz localizado nas imediações da avenida 1º de Maio com a Rua Alberto de Brito. A água do dito chafariz não era distribuída gratuitamente, mas sim

comprada. A atividade de carregar água para as residências, portanto, era um hábito comum para os moradores de Jaguaribe,

Carregar água era tarefa de crianças e adultos nos anos 40, e mesmo no início dos anos 50. Uns para encher as formas de barro de suas casas, outros faziam esse trabalho para as residências de várias pessoas daquela área ganhando dinheiro com essa atividade. (RIBEIRO, 2000, p.33).

Ainda no que concerne às condições de saneamento do bairro, um ponto curioso era a existência de uma espécie de “quartinhos de banho”, muito utilizados pelos moradores que não tinham condições financeiras e até espaço físico para armazenar em suas casas uma grande quantidade de água, exceto àquela que fosse destinada ao uso emergencial, ou seja, utilizada para beber e cozinhar³.

O gradual adensamento populacional verificado em Jaguaribe nos anos 40, conforme elucidado Ribeiro (2000), continuou a perpetuar a divisão social perceptível durante o processo de ocupação dos espaços do bairro, iniciado nas décadas anteriores. Portanto, a denominação “Jaguaribe de Cima” e “Jaguaribe de Baixo” não se configuraria apenas como uma “separação simbólica” no território pertencente ao bairro, mas sim numa diferenciação social que correspondia à realidade. Assim, os moradores que residiam na parte “de Cima” de Jaguaribe habitavam as residências mais belas e espaçosas do bairro, além do fato das mesmas estarem localizadas nas áreas que receberam a maior parte das melhorias urbanas. Faziam parte desse conjunto de artérias do bairro as ruas Aderbal Piragibe, Osvaldo Pessoa, Capitão José Pessoa, Monsenhor Almeida, Maximiano Machado (antiga Rua do Meio) e Vasco da Gama.

O chamado “Jaguaribe de Baixo”, por sua vez, era composto pelas seguintes ruas/avenidas: Carmelo Ruffo, Professor Renato C. da Cunha, Senhor dos Passos, Praça Aquiles Leal (antiga Praça Onze), Alberto de Brito, 12 de outubro, 1º de maio e Floriano Peixoto. É importante ressaltar que, nas fontes pesquisadas, não observamos qualquer menção que justificasse, de maneira direta, o emprego da denominação “Jaguaribe de Cima” e “Jaguaribe de Baixo”. Na nossa interpretação, tais alcunhas se referem às condições sociais dos moradores que residiam nessas áreas do bairro, sendo

³ Para maiores detalhes, ver o capítulo “Jaguaribe: meu novo lar” In: RIBEIRO, Emilson Ponce Leon. **Retratos de Jaguaribe**: um passeio histórico de 1940 a 1970. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

os “de baixo” os de menor poder aquisitivo e os “de cima” os que apresentavam melhores condições sociais.

Faz-se necessário ressaltar também que não encontramos qualquer ligação entre essas alcunhas e os aspectos geográficos do bairro, ou seja, o fato da região “de cima” se referir à parte mais alta do bairro e a “de baixo” fazer menção à parte mais plana do dito local, até por que, pela sua configuração geográfica e pelo fato de estar localizado em um vale (Vale do Rio Jaguaribe) o bairro é, em suas feições topográficas, uma grande planície. A exceção, no que se refere ao traçado plano do bairro, é a região da Rua João da Mata em que foi construída a Balaustrada, ainda durante o governo de Camilo de Holanda (1916-1920), cuja configuração separa o bairro de Jaguaribe da depressão existe à frente do referido logradouro, local onde hoje se encontra a comunidade Saturnino de Brito⁴.

A diferenciação social tão presente no bairro de Jaguaribe acabou contribuindo para que o mesmo fosse conhecido, ainda na década de 40, como sendo um local onde se realizavam diferentes manifestações culturais de caráter religioso e também profano. Segundo Ribeiro (2000), as missas realizadas aos domingos significavam para os moradores do bairro mais do que uma obrigação religiosa ou simples ato de devoção. Elas se constituíam também como eventos sociais em que as famílias se encontravam e se confraternizavam. No entorno da Igreja Matriz comentava-se sobre os mais diversos assuntos: a política local e nacional, o desempenho dos clubes de futebol, notícias de pessoas que haviam migrado para “ganhar a vida” em outras cidades – a exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo, a preparação das festas de casamento e batizado dos amigos e familiares, entre outros assuntos.

A festa em homenagem à padroeira do bairro – Nossa Senhora do Rosário – se configurava como um momento prazeroso para a população de Jaguaribe, desde os seus preparativos até a realização da última noite do novenário. A festa era realizada no mês de outubro e, nessa ocasião, as pessoas se divertiam em barracas de jogos, pavilhões e

⁴ Saturnino de Brito (1864 - 1929) foi o engenheiro responsável pelas obras de saneamento realizadas na capital da Paraíba durante as primeiras décadas do século. Este engenheiro foi responsável também pelo planejamento do traçado de saneamento de outras capitais brasileiras, a exemplo de Vitória, no estado do Espírito Santo. Para maiores detalhes a respeito de seu trabalho, recomendamos a leitura de SOUSA, Alberto *et al.* Inovação no urbanismo brasileiro da Primeira República: o traçado de Saturnino de Brito para a expansão da capital paraibana. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp361.asp> Acesso em 28 de setembro de 2009.

parques de diversões dotados de carrossel, balanços, rodas-gigantes e outros brinquedos que encantavam crianças e adultos. Dessa maneira o bairro, pelo menos por alguns dias, revestia-se da “áurea de inocência” das cidades do interior, cidades essas de onde haviam migrado muitos dos habitantes que ocuparam Jaguaribe desde as primeiras décadas do século XX.

O Natal era uma festa comemorada em âmbito íntimo e familiar que acabava se perpetuando no espaço público das ruas, sobretudo no que diz respeito à organização das lapinhas, que dividiam a preferência dos moradores do bairro entre os cordões azul e encarnado. As lapinhas perpetuavam as suas apresentações por todo o período natalino e as estendiam até o chamado “momento do queima”⁵, que geralmente ocorria na noite de Reis, ou seja, no dia 06 de janeiro.

Com a venda de votos ganhava um dos cordões – Encarnado [vermelho] ou Azul – dependendo dos simpatizantes de uma das correntes ou, de um padrinho rico de uma das componentes do grupo. O esforço dos familiares e amigos era de grande valia. A festa, no final do dia da “queima”, era espetacular, esplêndida. As roupas, os diademas, todos coloridos e iluminados com pequenas luzes conectadas a pilhas davam um aspecto singular ao espetáculo (RIBEIRO, 2000, p.60).

As festas juninas, tradição que faz parte do imaginário do povo nordestino, também se consolidaram no bairro como um dos momentos de diversão mais esperados do ano. À maneira do que se fazia nas cidades do interior, Jaguaribe possuía quadrilhas que dançavam nas noites festivas. Os moradores costumavam se reunir para enfeitar as ruas com bandeiras e balões.

No tocante às diversões de caráter lúdico não-religioso, destacava-se o carnaval. De acordo com Ribeiro (2000), Jaguaribe era conhecido na cidade de João Pessoa como um verdadeiro “recanto de agremiações carnavalescas”, abrangendo desde troças, cordões de frevo e até clubes carnavalescos e escolas de samba. Além do carnaval de rua, realizavam-se também as famosas “festas de clubes”, a exemplo dos tradicionais bailes carnavalescos do Clube Cabo Branco que, à época, possuía uma sede social no bairro.

⁵ O momento do “queima” caracterizava-se pelo encerramento da lapinha quando os pavilhões que abrigavam os cordões de pastoras eram, literalmente, queimados, simbolizando a renovação pela passagem de mais um período natalino e ensejando um clima de nostalgia e despedida pelo ano que havia passado.

Outras opções de diversão existentes no bairro eram os cinemas. Jaguaribe, a exemplo de outros bairros da capital⁶, possuía cinemas bastante frequentados por espectadores de diferentes sexos e idades. Eram eles o Cine Jaguaribe e o Cine São José. O primeiro foi inaugurado no ano de 1933 e localizava-se na confluência entre as ruas Capitão José Pessoa e Aderbal Piragibe. Já o outro cinema existente no bairro foi fundado em março de 1952 e pertencia ao Círculo Operário de Jaguaribe, localizado na Avenida Senador João Lira, prédio de número 689.

É importante registrar que, na opinião de Ribeiro (2000), a divisão social existente no bairro se refletia também dentro do Cine Jaguaribe durante a realização de suas sessões. Segundo o autor, os ingressos vendidos para essas ocasiões eram divididos entre os “de primeira” e os “de segunda” categoria. Os primeiros davam acesso às poltronas da sala de projeção em que o conforto e a visibilidade eram melhores sendo, portanto, mais caros. Os “de segunda” davam acesso às poltronas menos confortáveis e mais próximas à tela de projeção, o que dificultava a visibilidade dos espectadores no momento em que assistiam aos filmes. Por apresentarem preços módicos, os ingressos “de segunda” eram procurados pela população de menor poder aquisitivo do bairro.

O bairro de Jaguaribe também era conhecido, à época, pela realização de torneios desportivos de diversas modalidades dentre as quais, sem dúvida, destacava-se o futebol. Uma das agremiações desportivas existentes no bairro era o Esporte Clube Cabo Branco, atualmente com sede no bairro de Miramar. A antiga sede deste clube localizava-se no quarteirão que abrange importantes artérias do bairro de Jaguaribe – as avenidas 1º de maio, Osvaldo Pessoa, Vasco da Gama e Floriano Peixoto. A área ocupada pelo clube outrora pertenceu ao hipódromo da cidade e, por essa razão, durante muitos anos, a 1º de maio ficou popularmente conhecida como “Rua do Hipódromo”.

Rua 1º de maio – antiga Rua do Hipódromo – há vários anos tornou-se Avenida 1º de maio, data em que se comemora o dia do trabalho. Sua primeira designação se deve ao fato de ali ter existido (...) um prado ou hipódromo que, depois, se transformou num campo de futebol pertencente ao Esporte Clube Cabo Branco. (AGUIAR, s.d, s.p.).

Nas décadas de 40 e 50 a existência de terrenos baldios no bairro permitia a improvisação de campinhos de futebol utilizados por times amadores e profissionais que

⁶ Outros exemplos de cinemas existentes na capital à época eram segundo Ribeiro (2000), o Cine Metrópole e Torre (Torre) e Cine Glória (Cruz das Armas).

tinham sede em Jaguaribe. São exemplos de times de futebol que surgiram no bairro, entre amadores e profissionais, as seguintes agremiações: Esporte Clube Cabo Branco, Sport Clube, Palmeira, Filipéia⁷ (campeão paraibano no ano de 1946), *Red Cross*, *Penãrol*, ABC e Estrela do Mar (campeão paraibano em 1959). As diversões relacionadas às atividades desportivas, notadamente o futebol, faziam parte da vida cotidiana dos moradores do bairro de Jaguaribe, sobretudo daqueles que participavam das chamadas “peladas” e treinos na qualidade de espectadores, jogadores ou técnicos de agremiações.

Apesar da rivalidade natural que existia por parte dos times de futebol, era comum o fato de um jovem jogador defender mais de uma agremiação sem que isso gerasse problemas para os clubes. Pelo fato dos times serem compostos por jogadores que também exerciam outras atividades profissionais, a exemplo de operários, pequenos comerciantes, motoristas dentre outros, era comum, na falta de um jogador da equipe, a substituição do mesmo por um companheiro de outra agremiação sem que esse fato gerasse maiores problemas. Provas disso estão nas fotos de clubes de futebol da época apresentadas por Ribeiro (2000) em que é recorrente a presença de jogadores que defendiam mais de um clube, muitas vezes no mesmo campeonato, nas partidas realizadas nos campos do bairro ou em outras localidades.

Portanto, o futebol possuía, para bairro de Jaguaribe, uma grande importância, constituindo-se num elemento que contribuía para promover a integração e sociabilização dos moradores do bairro, pois, mesmo existindo a natural rivalidade na disputa entre os times locais prevaleciam, o respeito, a confiança e as relações de camaradagem entre os moradores do bairro que compunham as agremiações, quer na condição de jogadores, de técnicos ou de torcedores.

A descontração das pessoas nas calçadas, o livre caminhar, as ruas que quase não possuíam tráfego e “pertenciam” às crianças que brincavam em suas extensões, a grande quantidade de festas religiosas, regionais e profanas entre outras tantas características transmitiam ao bairro de Jaguaribe e ao cotidiano de seus moradores uma “atmosfera de despreocupação”. Os espaços do bairro, no período que abrange até a década de 50, eram basicamente ocupados por residências, algumas “vendas”,

⁷ De acordo com Ribeiro (2000), o campo do Filipéia localizava-se nas imediações da antiga Escola Industrial/Escola Técnica/CEFET (atual IFPB).

equipamentos religiosos e outros relacionados às áreas de educação e desportos que marcavam a paisagem do local. Esses locais, sem dúvida, passaram por intensas transformações, mudanças essas que se desencadearam, de maneira concomitante, às mudanças de ritmo das atividades cotidianas realizadas por seus moradores.

Essas mudanças, por sua vez, se apresentaram de forma mais dinâmica e intensa quando o eixo de crescimento da cidade de João Pessoa modificou a sua direção, na década de 50. Assim, não é forçoso lembrar que, pelo fato do processo de expansão da cidade e do bairro apresentar como principal característica o dinamismo, esta se configura como uma área específica de estudo que, no campo da História, ainda carece de maiores investigações, especialmente em relação aos trabalhos que utilizem o registro da memória dos moradores do bairro como fonte de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa: a memória do tempo**. 3.ed. João Pessoa: Edições FUNESC, s.d.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Práticas Políticas e Transformações no Cotidiano dos Trabalhadores em João Pessoa, na década de 1930**. 1996. 133 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco.

_____. **As singularidades da modernização na cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930**. s.p. 2004. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco.

CHAGAS, Waldeci Ferreira *et al.* O bairro de Jaguaribe: das origens à ocupação. In: **Boletim de Pesquisas UNIPÊ**, João Pessoa, v.1, p.1-19, 1998.

_____. Aspectos históricos do bairro de Jaguaribe. In: **Boletim de Pesquisas UNIPÊ**, João Pessoa, v.2, p.7-20, 2000.

RIBEIRO, Emilson Ponce Leon. **Retratos de Jaguaribe: um passeio histórico de 1940 a 1970**. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

SOUSA, Alberto *et al.* Inovação no urbanismo brasileiro da Primeira República: o traçado de Saturnino de Brito para a expansão da capital paraibana. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp361.asp> Acesso em 28 set. 2009.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Do Rio ao Mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens. In: TINEM, Nelci (org). **Fronteiras, Marcos e Sinais: leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária/Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2006.